

## Pampulha: fatos e mitos

“...A  
**RECUPERAÇÃO**  
*e preservação*  
*ambiental é, na*  
*maioria das vezes,*  
*complicada...*”

**RICARDO M. PINTO COELHO\***

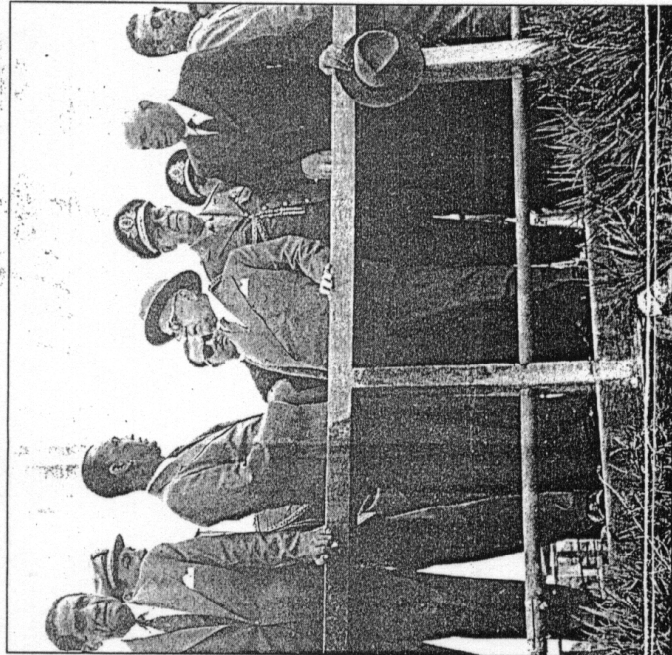
Coordeno um grupo de pesquisadores da UFMG que vem estudando a represa da Pampulha desde 1984. Durante todos estes anos temos constatado uma crescente degradação na represa. Tendo em vista que, em breve, deve sair do papel o projeto de despoluição do lago, acredito ser oportuno fazer algumas considerações no sentido de contribuir para que a população possa melhor avaliar alguns pontos que considero relevantes em relação a recuperação da represa.

Existe a idéia de que a despoluição da Pampulha irá custar muito caro. Despoluir um lago urbano é uma tarefa relativamente difícil mas não necessariamente cara. O principal problema da represa é a degradação da qualidade das águas dos tributários causada pela contaminação de esgotos. Esta situação poderia ser revertida, por exemplo, com a construção de uma estação de tratamento de esgotos de médio porte a montante da represa associada a conclusão da rede de interceptores existente na margem direita, onde chega a maior quantidade de água poluída. Este conjunto de obras, associado a um plano de ocupação do solo que impeça a verticalização e o adensamento

populacional nas diversas sub-bacias, seria o suficiente para reverter o quadro atual, num primeiro momento.

O Prosan (Programa de Saneamento da Copasa), por exemplo, prevê um elenco de obras viáveis que nada tem a ver com a qualidade da água da represa. Acordo que as chamadas "avenidas s. Jilarias" constituem-se em uma viação pouco original de saneamento urbano. Elas possuem um custo muito alto e, a longo prazo, elas poderão até agravar a degradação ao incentivar o adensamento populacional. Por outro lado, a interceptação de grande parte da água dos tributários com o seu desvio da represa para um possível tratamento é jussante no córrego do Onça, além de exigir um conjunto de obras de custo muito elevado, poderá causar um déficit de adução de água para a represa nos períodos mais secos do ano com uma considerável depreciação da qualidade de água neste período. Dados do monitoramento do reservatório indicam que a qualidade de água na Pampulha é extremamente dependente da quantidade de água que chega ao reservatório.

Por outro lado, tenho ouvido com frequência que a dragagem e a retirada de esgotos eliminariam todos os problemas ambientais existentes. A pura e simples retirada de esgotos da represa poderá trazer alguns resultados positivos a médio prazo que, no entanto, não serão sustentáveis se não forem associados a um plano de gestão ambiental de toda a bacia. Tal plano deve incluir um arco muito amplo de ações de governo que vão desde o monitoramento contínuo das condições ecológicas da represa até a concepção de política mais eficaz de uso do solo na



**GETÚLIO VARGAS e Juscelino visitaram a barragem da Pampulha antes do rompimento**  
na bacia hidrográfica. Por outro lado, é improvável que uma dragagem de grandes proporções traga algum benefício a curto prazo para a represa. A dragagem deve restringir-se, inicialmente, à retirada dos tributários mais problemáticos tais como o Ressaica-Sarandi.  
Existem inúmeras soluções para reverter a degradação ecológica que se encontra toda a região da Pampulha. Todas demandam certo aporte de recursos e, sobretudo, exigem uma equipe multidisciplinar, de alta competência, em diversos aspectos ligados à Ecologia Aquática (Limnologia), Hidrologia, Engenharia Sanitária, Saúde Pública e Ciências Sociais. A tarefa não é apenas da PNH. Se observarmos alguns casos de recuperação ecológica de lagos tais como o do Lac Léman (França/Suíça), Bodensee (Alemanha/Suíça/Austria) ou Lake Washington (EUA), veremos que o sucesso foi alcançado a partir da vontade explícita das comunidades envolvidas em ver seus lagos despoluídos. No Bodensee,

por exemplo, o projeto foi concebido a partir de estudos limnológicos que embasaram as ações concretas de uma comissão internacional composta pela Alemanha, Suíça e Austria, encarregada de executar e coordenar a despoluição do lago.

A eutrofização foi controlada com a redução do fósforo inorgânico no lago, que foi obtida não só pelo tratamento e canalização dos esgotos mais também por uma campanha ecológica que conscientizou os habitantes a não utilizarem detergentes com alto teor de fósforo em suas formulas. O dinheiro da despoluição foi obtido a partir da criação de um pequeno imposto temporário criado especificamente com a finalidade de despoluir o lago.

A preservação de um patrimônio histórico-cultural e ecológico em uma sociedade em rápida transformação como a brasileira não é tarefa fácil. Trata-se de um desafio coletivo que somente uma sociedade com alto grau de cidadania é capaz de enfrentar. Se não conseguirmos reverter a poluição de uma pequena represa, como então poderemos pensar em diminuir a degradação ecológica de uma grande metrópole como Belo Horizonte?

A recuperação e preservação ambiental, na maioria das vezes, complica porque envolve interesses não raro conflitantes. Sem uma cidadania que garanta a expressão livre e transparente dos diferentes segmentos da comunidade dentro de um contexto social participativo e pluralista será muito difícil vencer o desalo de poluir a Pampulha e partir para dar um salto qualitativo na qualidade de vida do belo-horizontino.

\*Do Departamento de Biologia Geral do ICB/UFMG